

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 5 DE ABRIL DE 2001

Para o Brasil, é uma honra muito grande – e, para mim, enorme prazer pessoal – receber a visita do Primeiro-Ministro da França e da expressiva comitiva que o acompanha.

Esta visita permite que se renovem as convergências e afinidades que tanto nos unem e, sobretudo, que possamos dar um passo adiante no fortalecimento de nossa parceria, de nosso *partenariat*.

A França teve presença importante no processo de formação da nação brasileira. Os que lutavam pela independência do Brasil, no final do século XVIII e no início do XIX, chegaram a ser acusados do crime de “enciclopedismo”. Era o medo do que se denominava, então, “idéias francesas” – e as idéias francesas eram as de liberdade, de igualdade e de fraternidade.

A missão cultural de 1816 terá sido, talvez, nosso primeiro grande projeto de cooperação conjunta. Teve resultados duradouros.

Um dos aspectos que enriqueceram a Mostra do Redescobrimento – que muito em breve poderá ser vista em Paris e Bordeaux – é a forma pela qual, tantas vezes, o Brasil se revelou a si mesmo através de um “olhar distante”. E esse olhar distante foi, em muitos casos, um olhar

francês, como nas paisagens cariocas de Taunay ou nas cenas cotidianas de Debret.

Pouco mais de um século depois, já na década de 30, nova missão francesa viria ao Brasil, desta vez a São Paulo e na área das ciências sociais.

Nomes como Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel e Roger Bastide – de quem fui assistente – ajudaram a formar a nossa maior universidade.

Na Bahia, a presença intelectual francesa se fez sentir com a obra de Pierre Verger.

Haveria muitos outros nomes a citar, nomes que ajudaram a construir essa relação de amizade, de respeito mútuo, que hoje estamos aprofundando através do diálogo franco e aberto que tenho mantido com Vossa Excelência – assim como com o Presidente Chirac.

Confirmamos isso no excelente encontro que tivemos na manhã de hoje no Palácio do Planalto.

Senhor Primeiro-Ministro, às vezes, nos mecanismos de percepção coletiva da realidade alguns fatos passam despercebidos, ou não recebem a atenção que mereceriam.

A relação Brasil–França é, sem dúvida, uma relação de grande visibilidade para os brasileiros em geral, mas tem um aspecto que por vezes fica esquecido: é o fato de que compartilhamos uma fronteira comum, a fronteira entre o Estado do Amapá, no Brasil, e o Departamento da Guiana, na França – e que é, se não me engano, a mais extensa de todas as fronteiras francesas, na Europa ou no ultramar.

E o que estamos realizando hoje contribuirá, sem dúvida, para valorizar essa fronteira e para valorizar esse aspecto de proximidade geográfica entre nossos países.

Acabamos de assinar um acordo para a construção de uma ponte sobre o rio Oiapoque, ligando o Amapá à Guiana.

Será a primeira ligação física entre o Brasil e a França e, além do valor simbólico que encerra, representará um forte estímulo ao desenvolvimento sustentável daquela região. Trará incontáveis benefícios para as populações ribeirinhas de ambos os lados da fronteira.

Temos por que nos congratular, também, com o adensamento e a diversificação dos vínculos econômicos entre nossos países. O comércio aproximou-se do total de 4 bilhões de dólares, e o estoque total de investimentos franceses no Brasil está na casa dos 9 bilhões de dólares.

A França é dos países que mais têm investido no Brasil.

E isso comprova o fenômeno do qual tenho falado muito, ou seja, o fato de que a Europa latina redescobriu o Brasil e se tem engajado no aproveitamento das potencialidades do nosso mercado.

O empresariado francês, aqui representado por algumas de suas mais expressivas lideranças, tem dado demonstrações repetidas de sua confiança nos rumos do Brasil e de nossa economia.

Estou certo de que essa aposta continuará vencedora, sobretudo em um momento como o atual, em que os fundamentos da economia brasileira já se comprovaram sólidos e sustentáveis, com perspectivas encorajadoras para a implantação de novas parcerias.

Com satisfação, verificamos que o crescimento dos fluxos comerciais, após um longo período de assimetria, tem-se dado em um contexto de recuperação de maior equilíbrio. O déficit na balança comercial brasileira com a França, anteriormente em torno de 800 milhões de dólares, caiu ano passado para 150 milhões de dólares.

Essa mudança reflete, entre outros fatores, o esforço que o Governo brasileiro vem realizando no sentido de estimular o setor exportador, especialmente de bens de alto valor agregado.

É inegável que, apesar dessas tendências positivas de mudança, ainda hoje enfrentamos as conseqüências de políticas implementadas no âmbito da União Européia, que representam obstáculos significativos ao aumento do fluxo comercial entre dois dos blocos regionais de maior peso no cenário internacional: o Mercosul e a União Européia.

Estou certo de que Brasil e França podem trabalhar conjuntamente para encontrar caminhos que permitam eliminar os obstáculos existentes e liberar o pleno potencial de crescimento de nosso comércio.

Para o Brasil, a abertura recíproca de mercados, em condições de justiça e reciprocidade, constitui fator essencial na construção de associações sólidas e dinâmicas entre países.

Temos esse desafio nas Américas, onde o livre-comércio está hoje na ordem do dia. É importante que se reforce essa dimensão também na relação com a Europa.

O Brasil é um país da América Latina e das Américas, mas nossa economia é demasiado grande e complexa para ficar limitada apenas à dimensão regional ou hemisférica. Nossa perspectiva sempre foi global, e continuará a ser.

Global e, ao mesmo tempo, fortalecida por uma forte inserção regional. O Mercosul tem sido uma alavanca de desenvolvimento, e o será cada vez mais.

Chegamos a um ponto, no Mercosul, em que os benefícios já se tornaram moeda corrente, um fato da vida. Por isso mesmo, as eventuais dificuldades atraem mais a atenção da imprensa. Mas são dificuldades que nada têm de extraordinário, sobretudo se examinadas no contexto de um processo de integração dessa magnitude.

A própria União Européia, ao longo de seu processo de formação, enfrentou obstáculos, superados por meio do diálogo. De nossa parte, estamos empenhados em aprofundar a integração, aceitando o desafio de intensificar a coordenação macroeconômica e de caminhar rumo a novas tarefas, novos estágios.

No desenho de nossa inserção no mundo, o relacionamento com a União Européia é fundamental. O avanço na direção de uma associação inter-regional é indispensável para que possamos manter o equilíbrio e a diversidade de nossas relações externas, complementando outras iniciativas da mesma natureza.

A associação do Mercosul com a União Européia, cujas negociações entrarão numa nova e mais complexa fase a partir de julho, deverá abrir um novo capítulo na história de nosso relacionamento. Constitui iniciativa que se orienta pelo interesse, comum a ambas as regiões, de unir a estabilidade ao crescimento e à geração de empregos.

Brasil e França compartilham valores que são indispensáveis em qualquer avaliação que se faça sobre o fenômeno da globalização. Valores como o da igualdade. Ou o da solidariedade – solidariedade entre as pessoas e entre os países.

O significado humano da globalização deve ser o da aproximação entre os povos, o da redução das distâncias. E a maior distância não é a distância física, mas a que se manifesta na desigualdade e na exclusão.

É na perspectiva desses valores que olhamos as tendências atuais da economia internacional, em particular as questões comerciais e financeiras.

Brasil e França são duas grandes democracias e duas grandes economias cujo diálogo pode contribuir em muito para fazer com que a globalização seja mais solidária, mais simétrica e que represente realmente a redução das distâncias e o fortalecimento da democracia e da cidadania no plano internacional.

Senhor Primeiro-Ministro, nos próximos três dias, Vossa Excelência visitará São Paulo e o Rio de Janeiro e terá oportunidade de conhecer diferentes aspectos de nosso país. Encontrará, invariavelmente, um Brasil interessado na intensificação do diálogo com a França e no desenvolvimento harmonioso de uma parceria privilegiada com o povo francês.

Mencionei, ao iniciar estas palavras, que a própria independência do Brasil se beneficiou da inspiração do que chamavam, à época, “idéias francesas”.

Brasil e França aprenderam, ao longo da história, a importância das idéias, e de saber lutar por elas.

Hoje, estamos aprofundando um relacionamento que é impulsionado por interesses concretos, mas que, antes de tudo, é dirigido por idéias e valores que nos são comuns.

É no espírito dessas idéias e valores que convido todos os presentes a que me acompanhem em um brinde ao futuro promissor do *partenariat* entre a França e o Brasil, bem como à saúde e à felicidade de Vossa Excelência e do povo francês.